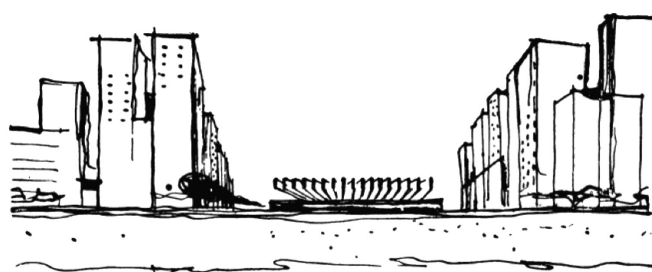


## \_editorial



**E**ste número inaugura uma nova sessão da revista, “Aparte”, a qual será um espaço para uma grande teia de pensamentos, opiniões e posturas sobre a atualidade. Esperamos que esta sessão represente a pluralidade ou multiplicidade de vozes presentes em questões contemporâneas. Convidamos a todos e todas a se deleitarem com essa sessão.

O conjunto dos três primeiros artigos, deste número, nos coloca, já de início, uma importante afirmação: conhecer o lugar da moradia como indicador social. Cada autor trabalha a seu modo esta temática. O primeiro artigo, “A habitação na literatura: as casas nos romances de Machado de Assis e de Lima Barreto”, de Cinthia Aparecida Tragante, põe em discussão o tema da habitação e dos modos de morar nos romances de Machado de Assis e Lima Barreto, escritos num período marcado por intensa transformação urbana, habitacional, social e cultural na cidade. O segundo artigo, “Habitação de Interesse Social no Brasil: análise sobre o tema nos currículos mínimos de 1962 e 1969 dos cursos de Arquitetura e Urbanismo”, de Alexandro Tenório Porangaba, traz à tona que o tema da Habitação de Interesse Social foi negligenciado no currículo mínimo dos cursos de Arquitetura e Urbanismo no Brasil. Ele aparece na condição de programa específico, portanto, não fundamental. Fato que legitima o desprestígio do tema nos ateliês de projeto dos cursos de graduação. Fragilidade forte presente na formação profissional de arquitetos e urbanistas. O terceiro artigo, “Modos de vida e modos de habitar na moradia autoconstruída”, de Maressa Fonseca e Souza, Italo Itamar Caixeiro Stephan e Aline Werneck Barbosa de Carvalho, contribui ao tema e reversão da prática profissional ao refletir sobre a autoconstrução residencial realizada pela população de baixa renda a partir da análise das relações entre a conformação dos espaços domésticos e os modos de vida e modos de habitar dos moradores. Ao fazê-lo, os autores apontam uma continuidade de referências rurais nas residências avaliadas e a presença de modos de vida e modos de habitar híbridos.

**Figura:** Clube XV, Santos, SP.  
Pedro Paulo de Melo Saraiva,  
1963. Fonte: Revista Acrópole.

O artigo “Sistemas de Informações Geográficas e seus visualizadores tridimensionais para o ensino do projeto de Arquitetura e Urbanismo”, de Renato César Ferreira de Souza convida ao questionamento do apoio de Sistemas de Informações Geográficas para o ensino de projetos de Arquitetura e Urbanismo.

Desde uma perspectiva crítica, os artigos de Rafael Rodrigues de Moraes, “Que ninguém entre aqui se não for geômetra”, e de Victor Piedade de Próspero, “Megaforma e Mesgaestrutura: categorias entre técnica, território e lugar e sua pertinência na arquitetura brasileira”, convidam a se debruçar, respectivamente, sobre o significado verdadeiro de arquitetura entre textos onde seus contextos se inter-relacionam através dos séculos, assim como sobre as categorias Megaforma, de Kenneth Frampton, e Megaestrutura, de Reyner Banham, situando-as a partir da abordagem teórica de cada um desses historiadores da arquitetura.

Contribuições fundamentais à construção do conjunto dos artigos são as entrevistas realizadas por Amanda Saba Ruggieiro e Luis Michal com os curadores de arquitetura Barry Bergdoll, Michelle Millar Fischer e Paola Antonelli, para o MoMA-New York. Estas entrevistas nos permitem compreender as principais competências de um curador, bem como compõe um conjunto de posições para compreender o papel de uma instituição muito bem estabelecida como o MoMA neste mundo de arte global.

Já envolvidos na preparação de nossa próxima edição na esperança de que, a despeito do que a realidade imediata nos tem trazido cotidianamente nesses tempos de retrocesso político e social, apesar disso, apesar de tudo, amanhã há de ser outro dia!

Ótima leitura!

Tomás Antonio Moreira e Francisco Sales Trajano Filho (Editores)